

**CURANDEIROS (AS), BENZEDEIRAS (OS) E CONSERTADORES (AS): A cura a partir dos saberes tradicionais em Itacoatiara AM**

*Lyvistom Cortez Macedo<sup>1</sup>*  
*Orientadora: Hiana Rodrigues da Silva Magalhães<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este artigo, tem o objetivo de trabalhar os saberes tradicionais de pessoas que exercem práticas de cura em seus bairros, na cidade de Itacoatiara AM. O debate se dá através do campo de observação da História Local e a abordagem da História Oral para produção de fontes. Os saberes tradicionais, são práticas e costumes que denotam a história do exercício da cura através de gerações, advindas das relações sincréticas de diversas culturas, como indígenas, africanos e europeus. Esta prática cultural é realizada por homens e mulheres, identificados por populares locais, como: curandeiros, benzedeiros ou consertadores. Estes personagens foram entrevistados e suas falas são tidas como as principais fontes deste trabalho. Tais colaboradores são: Adervan Santarém, Delza Viana e Ivo do Rosário. Contextualizamos estes saberes no percurso da história onde receberam muitas interpretações, e como consequências, sofreram perseguições e foram alvo de preconceito. Em Itacoatiara, as práticas de cura, expressas através da benção e consertação, se mantêm vivas entre os populares, estes, depositam sua fé nessas práticas e em seus “agentes”, para realizar tratamentos no corpo, alma e espírito. Este estudo tem o intuito de colaborar para a pesquisa e preservação destes saberes e para uma história cultural do lugar mais vista e compreendida.

**Palavras-chave:** Saberes Tradicionais. Práticas de Cura. História Oral. História Local.

## **1. Introdução**

Este trabalho, se inicia a partir da experiência na pesquisa em história proporcionada pelo Programa de Apoio a Iniciação Científica PAIC<sup>3</sup>, o qual participei como bolsista, no período de agosto de 2023 a agosto de 2024, tendo como proposta de pesquisa, mapear alguns Patrimônios culturais imateriais no Município de Itacoatiara AM, dentre estes, o que veio a ser

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso Licenciatura em História Mediado por Tecnologia, pela Universidade do Estado do Amazonas UEA, no Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara CESIT. E-mail: lyvistomc@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora: Professora Assistente da Universidade do Estado do Amazonas UEA, Mestre em História Social pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: hrmagalhaes@uea.edu.br.

<sup>3</sup> “Esse programa consiste em apoiar, com recursos financeiros e bolsas institucionais, estudantes de graduação interessados no desenvolvimento de pesquisa em instituições públicas e privadas do Amazonas”. Mais informações no site: PAIC - Programa de Apoio à Iniciação Científica do Amazonas - FAPEAM

nossa temática de pesquisa, a prática tradicional de cura, a partir da atuação de homens e mulheres que se reconhecem como (consertadores, benzedores ou curadores).

Buscamos analisar a temática, a partir de uma história cultural e social, esta que “estuda os meios através dos quais, neste caso a cultura “se produz e se transmite” as práticas e os processos” (Barros, 2012, p. 61). Dessa forma, pensamos em trabalhar esta experiência adquirida no (PAIC), para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso, com enfoque nos Saberes Tradicionais de Cura como proposta tema, com o intuito de colaborar para a pesquisa e preservação destes saberes e para uma história cultural do lugar. Assim, entendemos que os “Saberes tradicionais carregam histórias e vivências, origem e significado para a cultura brasileira. Por esse motivo acumulam conhecimentos originários, que vem muitas vezes da relação com a natureza e não podem ser esquecidos”<sup>4</sup>.

Para um aprofundamento teórico bibliográfico e para desenvolver conhecimentos no campo específico da temática proposta, autores como: Trindade (2013), Braga (2024), Nery (2006), Júnior e Silva (2021), entre outros, são fundamentais para a pesquisa. Bem como, quanto aos processos e metodologias do trabalho científico em História: Meihy (2005), Barros (2012), são autores que nos norteiam nesse processo de pesquisa, e análise das fontes.

Os saberes tradicionais aqui apresentados, se mostram a partir das falas de homens e mulheres que atuam e exercem tais práticas em Itacoatiara AM, acredita-se nas curas dos males “do corpo e da alma” segundo o imaginário popular. A história nos faz pensar sobre os povos originários e em sua ancestralidade, assim como o período colonial e influências da cultura ocidental. É preciso perceber essas nuances historiográficas que se mesclam ao sincretismo religioso e aos saberes de matrizes africanas. “[...] O ato de benzer, ou de curar, é a ritualização das coisas da fé, onde muitas vezes se misturam o sagrado e o profano. Herança dos portugueses, que ao chegarem ao Brasil, sofreram influências dos índios e posteriormente dos africanos”. (Nery, 2006, p. 2.)

As narrativas orais são as falas a partir de uma história oral de cada entrevistado, segundo Meihy, (2005, p. 24), o trabalho da história oral, “ responde à necessidade de preenchimento de espaços, capazes de dar sentido a uma cultura explicativa, dos atos sociais vistos pelas pessoas que herdaram os dilemas e as benesses da vida no presente”.

---

<sup>4</sup> Mendes, 2023. Disponível em: [Saberes tradicionais conquistam lugar institucional – Conexão UFRJ](#)

As narrativas orais desempenham um papel de grande importância na investigação em História Oral, pois possibilitam a análise da História, a partir da perspectiva dos próprios indivíduos que vivenciaram os eventos. “Os Estudos Culturais permitem examinar como as narrativas orais podem ampliar e desafiar as versões escritas da história, enriquecendo o espectro de compreensão e interpretação dos eventos passados e presentes”.<sup>5</sup>

Neste trabalho a História Oral, é fundamental para a compreensão dos aspectos mais relevantes da presença dessas pessoas nos dias atuais, uma vez que, ela sempre proporciona “uma história do tempo presente”<sup>6</sup>, que poderá nos dar instrumentos que viabilizem a análise das implicações do passado e as representações e significados no presente. Esta metodologia permite captar perspectivas individuais e coletivas, resgatando memórias e experiências que muitas vezes não são registradas em documentos escritos.<sup>7</sup>

Contar e mostrar a História Local, é necessário, logo que ela “ se aproxima para enxergar de perto o cotidiano, trajetórias e práticas”<sup>8</sup>, das mais diversas pessoas e temas, que muitas das vezes passam despercebidos, porém, tem uma grande relevância para a Historiografia. Para Barros, 2013, p. 314:

A História Local é a história que trata de assuntos referentes a uma determinada região, município, cidade, distrito. Apesar de estar relacionada a uma história global, a história local se caracteriza pela valorização dos particulares, das diversidades; ela é um ponto de partida para a formação de uma identidade regional.<sup>9</sup>

A partir da história cultural, esta, que “não se limita a analisar apenas a produção cultural literária e artística oficialmente reconhecidas”<sup>10</sup>, podemos perceber como se dá, a inserção dessas práticas no cotidiano das pessoas, uma vez que “ toda a vida cotidiana, está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura” (Barros, 2012, p. 57).

A partir das especialidades e abordagens do trabalho científico em História, proposto por Barros (2012), este trabalho se desenvolveu por meio do Campo da História, na dimensão

---

<sup>5</sup> Bonifácio e Dorneles, 2024, p.184

<sup>6</sup> Meihy, 2005, p. 17

<sup>7</sup> Ver: Manual de História Oral, de José Sebe Bom Meihy, 2005

<sup>8</sup> BARROS, José D’Assunção. **O Campo da História: Especialidades e Abordagens**. 2012, p. 120.

<sup>9</sup> BARROS, Carlos Henrique Farias de. **Ensino de História, memória e história local**. 2013

<sup>10</sup> Barros, 2012, p. 22.

da História Cultural e Social, com a Abordagem quanto as fontes, da História Oral e quanto ao campo de observação da História Local, no domínio da História do Cotidiano<sup>11</sup>.

Analisando a historiografia local, é perceptível a escassez de pesquisas e trabalhos nessa área, o que ressalta ainda mais a importância deste artigo, para a pesquisa histórica da localidade no Município de Itacoatiara-AM. Assim, trabalhamos a história local e cultural por meio da prática de saberes tradicionais voltados ao ato de curar. Com um olhar historiográfico, buscamos observar, como esse saber tradicional é perpassado por meio da história, bem como compreender as práticas da “benção”, “conservação”, e do “curandeirismo”. Assim, buscamos apresentar parte da realidade e vivência dos “agentes da cura” e suas atuações na vida social do lugar em que vivem, bem como perceber como se dá essa prática no cotidiano.

## 2. Conhecendo os colaboradores – Adervan, Delza e Ivo

Em Itacoatiara, o ofício da prática de cura, desempenha um papel fundamental nos bairros e comunidades próximas. Adervan dos Anjos Santarém<sup>12</sup>, Delza dos Santos Viana<sup>13</sup> e Ivo Barbosa do Rosário<sup>14</sup> são os “Agentes da cura” colaboradores desta pesquisa, por meio de suas falas, buscamos compreender um pouco desse universo sincrético, de como se dá as práticas destes saberes, bem como perceber a relevância social destes personagens inseridos no contexto da comunidade.

Ivo Barbosa do Rosário, popular “seu Ivo”, morador do bairro São Jorge, é um dos consertadores de grande prestígio em Itacoatiara e municípios vizinhos. Mesmo que alguém não o conheça pessoalmente, ao menos já ouviu esse nome:

Meu nome é Ivo Barbosa do Rosário, tenho 64 anos... Foi Deus que me deu o Dom, eu comecei a benzer com 8 anos, quebranto. Aí... de lá, a minha carreira não parou mais [...] o que eu posso fazer pra eles, pro rico pro pobre, pra pessoa humilde, se for do meu alcance, eu ajudo eles, de bom coração, eu não cobro eles, se eles quiserem dar eles dão, o que não quiserem não dão e não tem preço[...] (Ivo Barbosa)

---

<sup>11</sup> BARROS, José D’Assunção. O Campo da História: Especialidades e Abordagens. –Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

<sup>12</sup> Adervan dos Anjos Santarém. 55 anos. Natural de Juruti- PA. Mora em Itacoatiara a 15 anos.

<sup>13</sup> Delza dos Santos Viana. 76 anos. Natural do Rio Curupira, Nova Olinda- AM. Mora em Itacoatiara desde a Juventude.

<sup>14</sup> Ivo Barbosa do Rosário. 64 anos. Natural de Silves- AM. Mora em Itacoatiara desde os 30 anos.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITACOATIARA CESIT  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Nesta fala, seu Ivo nos conta que começou a benzer muito cedo, e desde sua primeira atuação como benzedor, sua popularidade só cresceu. Também fala das relações sociais com os populares locais, além de expressar um profundo sentimento de doação e disposição para exercer seu “trabalho” – como ele mesmo diz – em qualquer hora ou lugar.

Nossa outra colaboradora é dona Deuza, moradora do Bairro Jauary II, mesmo aos 76 anos, ainda continua exercendo seu Dom de benzedeira.

Sou Deuza dos Santos Viana. Eu... tenho 76 anos... sou natural do rio curupira [...] Da idade de 46 anos, é... comecei né, porque eu tinha aquele dom, mas eu não queria ainda me manifestar, mas depois que eu cheguei pra cá, eu comecei. O pessoal foram se dando comigo, passando pra outros e daí foi [...] Eu puxo, rezo, rezo pra quebranto, rezo pra dor de cabeça, ah! E puxo barriga, mãe do corpo, tudo isso eu faço.<sup>15</sup>

Dona Deuza, é outra colaboradora que representa o saber tradicional de cura. Em sua fala, afirma ter percebido seu dom desde jovem, mas, o negava. Porém, ao vir morar em Itacoatiara, começou a realizar benzições, principalmente em crianças e puxar desmentidura, desde então, sua popularidade cresceu, ficando conhecida nos bairros em que morou e através de outras pessoas, alcançou lugares bem distantes da cidade.

O terceiro colaborador, é Adervan dos Anjos Santarém, morador do Bairro Moisés Israel. Ele é detentor de um vasto conhecimento sobre as práticas de cura. O que o difere dos demais colaboradores, é realização de suas práticas a partir do auxílio de “guias espirituais” ou “entidades” – como ele mesmo aponta – termos esses populares da religião umbandista, a qual ele participa:

Eu me chamo Adervan dos Anjos Santarém e eu tenho 55 anos... Minha terra natal é Juruti, mas já me considero amazonense, já tô mais de 15 anos aqui. Na minha infância, quando já me entendi um pouco, eu já me considerava, que esse veio praticamente de Deus, ele me deu um dom para que eu pudesse ajudar as pessoas, a fazer curas, mais realmente ... eu vim já conseguir a trabalhar, fazer trabalho com eles, com as entidades, a partir de 22 anos né?! Então foi assim que começou a minha vida com as entidades e com o dom que Deus me deu.<sup>16</sup>

Estes são os sujeitos históricos que nesta pesquisa, representam a prática do saber tradicional de cura no município de Itacoatiara, que mesmo na simplicidade de suas vidas fazem

---

<sup>15</sup> Deuza dos Santos Viana, entrevista realizada em: 05/12/2023, pag. 01.

<sup>16</sup> Adervan dos Anjos Santarém. Entrevista realizada em: 04/12/2023, p. 01.

o que podem para atender e ajudar a todos que os procuram. Os três colaboradores tecem um trabalho de memória coletiva quando relatam suas trajetórias no campo dos saberes ancestrais, aprendizados que reconhecem ser um dom divino. Segundo, Alberti (2011, p. 167) “A memória é essencial a um grupo porque está atrelado à construção de sua identidade”.

### **3. Práticas tradicionais de cura: breve contexto histórico**

Falar sobre a história dos saberes tradicionais, nos permite lembrar sua origem, enraizadas na história dos povos indígenas, na Amazônia, nos homens e mulheres, que exercem essa prática como sujeitos da história, que herdaram o conhecimento, através da oralidade, da prática ou mesmo, através de “dom” ou “benção divina”, que foram meticulosamente desenvolvidas e transmitidas através das gerações. Por volta do século XVI, com a chegada dos colonizadores, bem como dos Africanos escravizados, deu-se início um processo complexo de sincretismo religioso e cultural, resultando na assimilação e na incorporação de uma variedade de elementos e saberes europeus e africanos ao já existente conhecimento de cura das populações indígenas<sup>17</sup>. “As comunidades indígenas, originárias no território do atual Brasil, já tinham constituído sistemas próprios de medicina, que também eram fortemente centrados no uso de plantas e ervas com propriedades terapêuticas e no encantamento”<sup>18</sup>

Com a chegada de pessoas africanas ao Brasil Colônia, o saber em saúde de diversas culturas africanas começou a ser praticado aqui, com profunda ligação com os processos de formação das instituições socioculturais-religiosas de matriz africana. (Pereira, 2013, p. 267).

Durante a rica e multifacetada história do país, a escravidão exerceu um papel crucial na dinâmica da transmissão, troca e até mesmo na fusão de saberes de cura. Os africanos escravizados, trouxeram consigo suas práticas, conhecimentos, rituais e tradições de cura, que se entrelaçaram e permitiram um diálogo profundo e dinâmico com as tradições já vigentes no Brasil. Pereira (2013), em diálogo com Pôrto (2006), nos acrescenta:

---

<sup>17</sup> BERNARDES, Letícia Elias. Entre a doença, a cura e religiosidade: um estudo da prática do benzimento em Caldas, Minas Gerais (2000-2023). 2024.

<sup>18</sup> PEREIRA, Carlos Alexandre Rodrigues. Sistemas Tradicionais Africanos de Medicina e Seu Legado À Cultura Brasileira. 2013, p. 269.

A prática do cuidado tradicional em saúde foi essencial no período colonial, quando não havia serviço médico instituído para cuidar da saúde dos negros. Conforme retrata Pôrto (2006), foi de suma importância a utilização de saberes médicos originários da África para os negros atuarem em suas próprias causas e necessidades. (Pereira, 2013, p. 267)

A evolução histórica desses saberes reflete não apenas a diversidade cultural e étnica, mas também a grande riqueza e complexidade que caracterizam a cultura brasileira, evidenciando a influência significativa de diferentes grupos étnicos e culturais que participaram ativamente na formação desse conhecimento coletivo, que se perpetua e se reinventa até os dias de hoje.

No Amazonas não foi diferente do restante do País, as práticas de cura tradicionais que se desenvolvem no vasto território, possuem suas origens e fundamentos fortemente ligados às ricas tradições indígenas e africanas, que foram ao longo do tempo, mescladas com influências europeias. Conforme Pereira (2013, p. 269): “Com o tempo, até mesmo elementos que são originários de sistemas europeus de cuidado em saúde foram aglutinados às práticas populares, bem como às práticas das instituições socioculturais-religiosas de matrizes africanas”.

Essa confluência cultural resulta em uma imensa diversidade de práticas e rituais de cura que se destacam, incluindo o uso de uma vasta gama de plantas medicinais, além de rezas, benzeções e consertações.

Outro ponto que nos cabe ressaltar, é que, ao longo da história e mesmo atualmente, essas práticas não foram ou são completamente aceitas. Pessoas que praticavam benzimento e cura, enfrentaram estigma e preconceito devido à ligação de suas práticas com superstições e crenças populares profundamente enraizadas na cultura amazônica. O preconceito contínuo desses conhecimentos tradicionais, resultou no afastamento forçado e na marginalização acelerada desses curadores excepcionais na sociedade amazonense. Além disso, a falta de reconhecimento oficial de suas práticas, contribuiu significativamente para a desvalorização de seu papel crucial na comunidade, tornando extremamente difícil a transmissão e a continuidade dos conhecimentos que possuem.<sup>19</sup> Sobre isso, Junior e Silva (2021), nos acrescentam:

O preconceito e a discriminação étnica e cultural promoveram a dificuldade de reconhecimento. A imagem construída do índio sem civilização, com atitudes selvagens, faz que haja uma perspectiva do indígena como inferior na sociedade. E no caso dos saberes e fazeres africanos, a ideia de um “embranqueamento” instaurado pelas elites gerou na população brasileira

---

<sup>19</sup> Braga, 2021.

dificuldades de se associar à cultura negra, demonizada frequentemente na sociedade, cujo projeto de Estado moderno excluiu o negro e suas contribuições culturais e políticas. (Júnior e Silva, 2021, p. 176)

#### 4. A Pesquisa e as Fontes Orais

Nesta pesquisa, trabalhamos três fontes orais, sendo dois homens e uma mulher, Adervan Santarém, Ivo do Rosário e Deuza Viana. Estas pessoas foram convidadas a participar do projeto de pesquisa, através da realização de entrevistas de História Oral. Para uma boa relação entre pesquisador e colaborador, durante um período, acompanhamos seu cotidiano, esse convívio nos proporcionou ter um vislumbre do quanto essas pessoas tem prestígio na comunidade local. A produção de fontes se dá a partir da História Oral, através dos depoimentos de cada colaborador. Segundo, Batista (et al. 2017, p.[26]), é importante “compreender a subjetividade do indivíduo por meio de seus depoimentos, pois, se trata do modo como aquele sujeito observa, vivencia e analisa seu tempo histórico, seu momento, seu meio social etc.”

Durante a pesquisa, percebemos que eles não têm um termo próprio para se auto definirem, sendo os termos usados para denominá-los, relativo ao trabalho que fazem, dado pelos próprios populares. Os termos mais frequentes a se ouvir são: curandeiros (a), benzedeiros (as), consertadores, puxadores (as) de desmentidura<sup>20</sup>, rezadores (as), entre outros. Porém, percebemos que todos esses termos, exprimem o mesmo sentido, sendo relacionado àqueles que curam através de práticas tradicionais. De acordo com Adriana Nonato Braga:

[...] Embora possam existir variações regionais e nuances específicas em cada um desses termos, todos eles compartilham uma base comum de crenças e rituais voltados para o alívio de males físicos, mentais e espirituais. (Braga, 2024, p. 15.)

A busca pela cura a partir destes conhecimentos ancestrais é muito comum na cidade de Itacoatiara AM, tendo uma relação cultural que advém de uma tradição religiosa, pois, envolve as questões da crença e da fé no âmbito da cura, bem como das diversas relações sincréticas religiosas, sendo impensável separar essas práticas da religião, da crença e da fé, como podemos perceber nas falas dos nossos colaboradores, Adervan dos Anjos e Deuza dos Santos.

---

<sup>20</sup> “Puxar desmentidura” pode ser entendido como uma técnica de massagear os ossos de pessoas que sofrem algum tipo de lesão ou luxação” (Júnior e Silva, 2020, p. 173.)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITACOATIARA CESIT  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Se você busca a espiritualidade..., primeiramente a fé em Deus, em segundo lugar são os cabocos, que chamam os índios né! Essas coisas aí, que são de cura, essas coisas aí.... Então... tem possibilidade de a gente fazer, se você buscar com fé, você vai conseguir sua cura... você vai conseguir mesmo...<sup>21</sup>

Ter fé é importante sim, a pessoa vem com aquela fé e sai curada, graças a Deus, ... muita gente me agradece...<sup>22</sup>

O contexto cultural e social no qual os saberes tradicionais de cura se desenvolvem, destacam as práticas e crenças que contribuem para a formação e consolidação do costume. Os “Costumes” segundo, Thompson, (1998, p. 22): “estão claramente associados e arraigados às realidades materiais e sociais da vida e do trabalho”. Na cultura local, os curandeiros são encarregados de curar muitos males, em especial, males com nomenclaturas que não se usam convencionalmente na medicina moderna, alguns exemplos são: quebranto, rasgadura, mãe do corpo (fora lugar), espanto, mau olhado, etc. O costume neste caso, surge da busca frequente pela cura desses e outros males, que muitas vezes não são resolvidos através da medicina moderna. Seu Ivo, nos fala sobre essa busca:

A bebesada aqui em Itacoatiara é tudo passado pela minha mão, é quebranto, rasgadura no umbigo, é desmentidura, é espanto; é direto, não para. O futebol também é direto aqui em casa, é dia e noite o esporte daqui de Itacoatiara, é desmentido joelho, é desmentido tornozelo, é costela, é tudo, distensão rasgadura, tudo tem que tratar desses profissionais daqui de Itacoatiara, se não, não voltam pro lazer deles e é dia e noite. Aqui, a hora que eu me acordo, não tem hora, tem vezes que tô na minha cama dormindo, carro apita, moto apita, aí eu venho, é um que tá chorando, que tá gritando. É mãe do corpo, endireitar filho de mulher e tudo que puder fazer eu tenho que dar um empurrãozinho pra essas pessoas irem satisfeitas, aqui chega desmaiado, caindo, morrendo, aí tem que fazer andar, pra ir bom já, criança que chega às vezes aqui, que não se mexe, outro pega uma queda, vem desmaiado, faço viver e segue e volta n’outro dia já tá bom. A minha vida é essa aqui e trabalho muito, muito mermo e não tenho férias, não tenho folga é de domingo a domingo, não tenho meu lazer, como tô te falando, no meu lazer eu tô atendendo.

A partir dessa fala do seu Ivo, além dessa intensa procura, percebemos também o trabalho social dessas pessoas, - que Trindade (2013), chama de “agentes da cura” - a disposição em atender não importa a hora e/ou lugar, na necessidade, eles estão sempre dispostos a ajudar, esta ação, reforça ainda mais a relevância desses sujeitos no local em que vivem e o porquê da fé e confiança dos populares locais. Vale destacar, quando se fala em

---

<sup>21</sup> Adervan dos Santarém, entrevista realizada em 04 de dezembro de 2023.

<sup>22</sup> Deuza dos Santos Viana, entrevista realizada em 05 de dezembro de 2023.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITACOATIARA CESIT  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

trabalho social, questões como compensações pelos trabalhos de cura, sobre isso, nossos colaboradores partilham da mesma concepção e nos explicam:

Não eu não cobro nada... é a consciência deles que.. quando eles me dão, mas, mas eu não cobro nada... Tem muita gente coitadinho, pobrezinho, pra mandar rezar e...-ah! não tenho o que lhe dar - e eu digo, - não, não tem problema não, não estou cobrando. (Deuza dos Anjos)

Não, não cobro, nunca cobre um centavo, nunca, nunca, nunca! É como tô te falando, quem quiser dar, dá, mas dar de bom coração (Ivo Barbosa)

Não é permitido a cobrança. Pessoas que vem de dom de Deus ele não cobra, apenas a pessoa se ele ter aquele coração, se ele deixar alguma gratificação ele pode deixar, mas de coração, não que a gente cobre, porque a espiritualidade, o dom que Deus dá, ele não permite que a gente faça essas coisas. (Adervan dos Anjos)

É importante perceber como estas pessoas estão inseridas na sociedade contemporânea, uma vez que, ao longo do tempo e em variadas culturas, pessoas que exercem essas práticas, sempre tiveram destaque dentro do grupo social em que estão inseridas, mas não somente em seu meio, sua popularidade se estende para além das proximidades, se tornando capaz de envolver uma grande parte da sociedade e diferentes grupos sociais.

Começaram me procurar de Silves, pra cá me descobriram, aí emendou Silves e Itacoatiara e vem de todo lado, de Manaus, dos interior, tudo, tudo me procuram, aí eu tenho que fazer o meu trabalho (Ivo Barbosa)

Todos que me procuram... é bem- vindo... chegam aqui comigo eu atendo eles de bom coração, amizade e tudo me conhece. Sou uma pessoa muito querida em Itacoatiara e nós somos aqui, tudo conhecido... Eu atendo em casa atendo na rua, atendo em futebol, na minha brincadeira, que eu gosto de bola, vão me tirando, vão me levando, eu vou atender os filhos, velho, novo e tudo e eu sou uma benção pra eles, sou uma benção de Deus né, que esse trabalho que Deus deu, não é pra mim, é pra eles. (Ivo Barbosa)

[...]Vem muitas pessoas, vem gente comigo do Jamanã, da Poranga, Jacarezinho. Todo esse pessoal vem comigo... um vai passando pra outro aí já vem certo procurar... (Deuza dos Santos)

Como podemos perceber, o reconhecimento é dado pelas pessoas, através do respeito, da crença e da fé, que a comunidade deposita nesses “agentes da cura”. Sobre esse reconhecimento coletivo, bem como a eficácia da cura ligado à fé, Lévi-Strauss, [1975], nos diz:

A eficácia da magia implica a crença na magia, que se apresenta sob três aspectos complementares: primeiro, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; depois, a do doente de que ele trata ou da vítima que ele persegue,

no poder do próprio feiticeiro; e, por fim, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam continuamente uma espécie de campo de gravitação no interior do qual se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça. (Lévi-Strauss, [1975], p. [159])

Um dos principais pontos do estudo dessas práticas tradicionais de cura, é a íntima ligação do saber – por eles, denominado como “Dom” – com a religiosidade, crença e fé em uma existência superior, sendo dado a “Deus”, todo o mérito de suas realizações. Em outras palavras, é impossível separar essas práticas da religiosidade, uma vez que todos eles expressam uma profunda ligação ao cristianismo católico. Quanto à relação ao catolicismo, Trindade, 2013, p. 80, nos diz:

Quanto à igreja católica, embora não seja oficialmente legitimada, as benzedeiras, se sentem como parte integrante dela e isso pode ser percebido nas orações, na veneração ao Santo de devoção e nos dogmas do catolicismo, que dão legitimidade às suas práticas.<sup>23</sup>

Rapaz, eu sou católico... e vou morrer católico, se Deus quiser! (Ivo Barbosa)

A minha religião é católica, sou católica desde quando eu nasci. (Deuza dos Santos)

Em primeiro lugar minha fé que tenho em Deus e minha religião, assim, que eu gosto, é a católica, não tenho como trocar. (Adervan dos Anjos)

Na confirmação de qual seguimento religioso cada um professa, damos destaque à fala do seu Adervan, que confirma sua fé católica, mas do decorrer da entrevista, percebemos uma relação voltada à Umbanda<sup>24</sup>, não por acaso, isso é um grande exemplo das relações sincréticas dos saberes e práticas tradicionais de cura, tendo a umbanda como exemplo, que é formada da junção sincrética de várias tradições religiosas, advindas o catolicismo, religiões indígenas e de matrizes africanas, isso pode ser observado nos “guias” da umbanda, santos católicos, divindades africanas como Orixás e entidades indígenas como os Caboclos.

Nós que trabalhamos com a umbanda, que pertence a igreja católica, a gente busca muito a oração, pra que a gente possa conseguir esse tipo de cura,

---

<sup>23</sup> Ver, TRINDADE, Deilson do Carmo. **As Benzedeiras de Parintins: práticas, rezas e simpatias**. Manaus, Edua, 2013

<sup>24</sup> A umbanda é uma religião afro-brasileira. Ela foi criada aqui no Brasil, por descendentes de africanos que vieram para cá obrigadas pela escravidão, e para continuar o culto de suas entidades e encantados, simbolizaram eles com os santos da tradição católica. A umbanda é originalmente uma religião que expressa o sincretismo religioso. Ver: (Alves, 2021, p. 59)

entendeu! Cura maligna, muitas das vezes você tá com a barriga inchada, você vai ao médico e você não consegue, então você vem buscar uma cura com a gente, então a gente te ensina alguns remédios caseiros e muitas das vezes a sua fé, vai fazer você ficar bom, porque, o que vale é sempre a fé e a busca espiritual de Deus. (Adervan dos Anjos Santarém)

Então busque a espiritualidade de Deus, busque a força catolicisma, porque lá você vai ter reza, vai ter o creio, você crer naquilo que você vai fazer a pessoa vai tá com fé e você vai conseguir a cura para aquela pessoa. (*Idem*)

## 5. CONSIDERAÇÃO FINAL

*As pessoas que trabalham não devem desistir, devem ajudar as pessoas... quando você procura alguém, é porque você quer ajuda, você tem que acreditar na gente (Adervan dos Anjos Santarém)*

*Eu nasci de dom do meu pai... eu fiquei no dom dele e até hoje, tô trabalhando, até no dia que Deus quiser [...] Deus me deu pra eu ajudar o povo... (Ivo Barbosa do Rosário)*

A História Local, como campo de observação deste trabalho, nos permitiu dar visibilidade aos sujeitos e fatos históricos presentes no cotidiano de pequenos contextos sociais, como ruas e bairros. Fatos e sujeitos estes, que raramente seriam postos como protagonistas por um campo de observação mais amplo. Em sincronia com este campo de observação, a História Oral como abordagem metodológica, desempenhou um papel fundamental no trabalho de pesquisa, logo que a utilizamos para a obtenção e produção de fontes documentais, uma vez que, sendo uma abordagem metodológica que se baseia no relato de experiências e vivências de indivíduos, visa compreender a história a partir de um ponto de vista mais próximo e pessoal, pois “ a História oral é dinâmica e criativa”<sup>25</sup>.

Este trabalho, abordou os saberes tradicionais de cura, trazendo uma grande contribuição para a historiografia do município de Itacoatiara, pois, apresenta agentes da história que são tidos como figuras centrais no meio social em que vivem, mas que não ainda não tinham sido temas centrais de pesquisa em História. As narrativas orais destes personagens nos mostram que a prática dos saberes proporciona a cura, através de benzições, rezas, consertos ou puxações. É um saber que representa e traduz muito do conhecimento e da cultura popular dos povos da região e dos processos de transformação históricas, recorrentes no território regional.

---

<sup>25</sup> Meihy, 2005, p. 17

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITACOATIARA CESIT  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

O conhecimento desses saberes advém de uma tradição, do costume popular, sendo transmitidos através das gerações pela prática e oralidade. Contudo, as fontes orais nos afirmam que o “saber” só pode ser adquirido e praticado por aqueles indivíduos que nascem com o dom, cabendo a esses sujeitos a aceitação ou não. Vale destacar que não é o próprio indivíduo que se auto denomina um “agente da cura”, a credibilidade desses sujeitos se dá pelo coletivo, ou seja, pela comunidade, que a partir de alguma cura alcançada através dessas pessoas, passam a lhes conferir respeito, depositando sua fé em suas ações. Esse reconhecimento coletivo social, é o que valida as práticas de cura tradicionais de sujeitos como o Sr. Adervan, D. Delza e o Sr. Ivo.

O trabalho mostra que as práticas de curandeiros (as), benzedeiros (as) e consertadores (as), estão sobretudo voltados ao bem-estar social daqueles que necessitam. Apesar de atenderem pessoas de todas as faixas etárias e classes sociais, há uma demanda maior por parte de pessoas de baixa renda, dos bairros mais pobres. Há exemplo de problemas físicos simples como luxações, (ou na linguagem popular, desmentidura), onde normalmente seria preciso buscar um fisioterapeuta para reparar o dano, sendo necessário arcar com um valor que essas pessoas não têm à disposição, o trabalho desses personagens é essencial, pois, eles são capazes de realizar o procedimento de consertação da desmentidura e conseguir restaurar o corpo ao normal, e principalmente, não há cobrança sobre esses trabalhos.

O Estudo da História Local, a partir da História Oral, que se dá pelas narrativas desses sujeitos - sendo as narrativas, produtos primordiais gerados pela pesquisa em História - mostra-se repleta de valores, de conteúdos e temas que precisam ser pesquisados. Assim, concorda-se que esta proposta não se conclui, mas, sobretudo, abre as portas para outras pesquisas a partir desta temática.

Em suma, os conhecimentos tradicionais de cura na Amazônia desempenham um papel essencial na conservação da saúde física, mental e espiritual do meio social em que atuam, representando uma herança cultural valiosa transmitida ao longo da História. Os “agentes da cura”, guardiões respeitados desse conhecimento ancestral, dedicam suas vidas e habilidades para oferecer cuidados diversos, amplamente reconhecidos e valorizados. Além disso, é importante refletir sobre a evolução contínua das práticas de cura tradicionais diante de uma sociedade em transformação. Estabelecer um diálogo construtivo que permita a coexistência harmoniosa das abordagens tradicionais e contemporâneas é fundamental. Ao promover essa discussão e avançar na valorização desses saberes, garantimos sua continuidade para as gerações futuras, honrando a riqueza cultural e espiritual da Amazônia.

## 6. Fontes Orais

ROSÁRIO, Ivo Barbosa. 64 anos. Entrevista realizada no dia 05 de julho de 2024.

SANTARÉM, Adervan dos Anjos. 55 anos. Entrevista realizada no dia 04 de dezembro de 2023.

VIANA, Deuza dos Santos. 76 anos. Entrevista realizada no dia 05 de dezembro de 2023.

## 7. Referências

ALBERTI, Verena. **História Dentro da História**. In: Pinski, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 3ª ed. Contexto. São Paulo, 2011, p. 155-202.

ALVES, Greyciane Balieiro. **As Práticas de cura de rezadores e rezadeiras no município de Tonantins-AM**. TCC de Graduação (Antropologia) - Universidade Federal do Amazonas UFAM. Benjamim Constant, 2021.

BARROS, Carlos Henrique Farias de. **Ensino de História, memória e história local**. **REVHIST- Revista de História da UEG**. 2013. Pag. 301-321. [Disponível em: //www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/1451](http://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/1451). Acesso em: 3 nov. 2024.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: Especialidades e Abordagens**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BATISTA, Eraldo Carlos. MATOS, Luís Alberto Lourenço. NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. **A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III 2017. ISSN 1980-7031.

BERNARDES, Letícia Elias. **Entre a doença, a cura e religiosidade: um estudo da prática do benzimento em Caldas, Minas Gerais (2000-2023)**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro, 2024.

BONIFÁCIO, Maria Fátima Alves; DORNELES, Marcos Rogério Heck. **"NARRATIVAS ORAIS COMO VEÍCULOS DE IDENTIDADE E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DOS ESTUDOS CULTURAIS"**. Revista Diálogos Interdisciplinares, 2024. Pag. 173-185. Disponível em: [ufms.br](http://ufms.br)

BRAGA, Adriana Nonato. **"A arte de benzer e seus processos de (re) construção na cidade de Tefé-AM"**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Tefé, 2021.

BRAGA, Adriana Nonato. **A Oração que Cura: Olhares e Vivências de Benzedores(as) no Município de Tefé/AM**. Dissertação - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH). Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Manaus, 2024.

JÚNIOR, Josivaldo Bentes Lima; SILVA, Adan Renê Pereira da. "**Mulheres e práticas de cura: vivências no Mocambo do Arari-Parintins, Amazonas.**" Revista Eletrônica História em Reflexão, 2020. Disponível em: [ufgd.edu.br](http://ufgd.edu.br)

LEVI-STRAUSS, Claude. **O Feiticeiro e sua Magia.** In: Antropologia Estrutural, 1975.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 5ª ed. Loyola, São Paulo, fevereiro, 2005.

MENDES, Julia. **Saberes Tradicionais Conquistam Lugar Institucional.** Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ. Conexão UFRJ, RJ, 10 de fevereiro 2023. Disponível em: [Saberes tradicionais conquistam lugar institucional – Conexão UFRJ](#)

NERY, Vanda Cunha Albieri. **Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé.** In: VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006, Uberlândia/MG. Anais. Uberlândia/MG: 2006.

PEREIRA, Carlos Alexandre Rodrigues. **SISTEMAS TRADICIONAIS AFRICANOS DE MEDICINA E SEU LEGADO À CULTURA BRASILEIRA.** *Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros*, v. 6, n. 14, p. 254–275, 27 Set 2023. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/20740>. Acesso em: 1 out 2024.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum: Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRINDADE, Deilson do Carmo. **As Benzedeadas de Parintins: práticas, rezas e simpatias.** Manaus, Edua, 2013.

## 8. Anexos

### 8.1 Entrevistas Transcritas

#### Entrevista 1- saberes Tradicionais de Cura- Pesquisa em História Oral



**Nome: Adervan dos Anjos Santarém**

**Idade: 55 anos**

**Naturalidade: Juruti- PA**

**Mora em Itacoatiara a 15 anos.**

**Entrevista realizada em: 04/12/2023**

**Pesquisador**- Como o senhor se chama e quantos anos tem?

**Colaborador**- Eu me chamo Adervan dos Anjos Santarém e eu tenho 55 anos.

**Pesquisador** - Como foi a sua infância, o senhor nasceu em Itacoatiara? O Senhor sempre percebeu esse dom, em qual idade?

**Colaborador** - Olha eu, vou te falar a verdade, eu não sou amazonense, não sou de Itacoatiara, sou paraense, morava na cidade de Juruti. Aí eu, passei uns tempos lá e vim pra cá pra, realizar a vida né! Quer dizer que eu, minha terra natal é Juruti, mas já me considero amazonense, já tô mais de 15 anos aqui.

**Pesquisador** - sobre seu dom, em qual idade o senhor percebeu?

**Colaborador** - Bom! Na minha infância eu, quando já me entendi um pouco eu já me considerava, que esse veio praticamente de Deus, ele me deu um dom para que eu pudesse ajudar as pessoas a fazer curas, mais realmente eu... eu vim já conseguir a trabalhar, fazer trabalho com eles, com as entidades, a partir de 22 anos né?! Então foi assim que começou a minha vida com as entidades e com o dom que Deus me deu, é um dom, não é uma, um aprendígio assim.

**Pesquisador** - como o senhor pode descrever essa experiência de realizar trabalhos para pessoas que buscam a cura?

**Colaborador** - Primeiro lugar a pessoa deve ter fé, tem que ter, algum conhecimento daquilo que vem buscar, a cura que muitas das vez, é a gente coloca sempre assim, muitas das vez a pessoa procura o médico e não tem jeito, aí busca a gente e a gente... eu digo sempre assim, você tem fé?! É a fé que curar você. Então a gente trabalha desse termo aí, termo da fé, entendeu?

**Pesquisador** - como o senhor se identifica nesse fazer?

**Colaborador** - Bom! O nome específico que a gente, sempre é... dá e eu me chamo assim e eles sempre me chamam assim, é de caboclo, eu sou um caboclo, meu pai de cabeça, que se chama nas religiões nossa, como da Umbanda, meu pai de cabeça é **Caboco flecheiro** eu sou, ele é meu pai de cabeça, ele me diz todas as coisas que é pra mim fazer e o que não é. Então, eu sou como se chama na Umbanda, é Pai de Santo.

**Pesquisador** - O senhor considera que seja um dom ou uma bênção, ou algo que aprendeu com alguém ou é herdado?

**Colaborador**- É muito bom a pergunta né! A gente saber de onde vem esse dom. O dom ele vem do espírito de Deus, Deus que dá esse dom desde criança, desde o ventre da mãe da gente a gente já trás esse dom, não tem como você aprender, se você aprender não é um dom é um aprendizado, tá entendendo! Então, isso é um dom que Deus nos dá. Então a gente precisa ter um dom prá ter um conhecimento espiritual e também tem que ter o conhecimento material. Tem os aprendizes, vou dizer, mas não...!!! Quando você se chama curandeiro, se chama dom de Deus. Aquele que você aprende. Você é um aprendiz.

**Pesquisador** - Qual sua relação com Deus e qual religião o senhor partilha?

**Colaborador** - Muito boa a pergunta. Em primeiro lugar minha fé que tenho em Deus e minha religião, assim, que eu gosto, é a católica, não tenho como trocar.

**Pesquisador** - Como é para o senhor atender e ajudar as pessoas, o senhor cobra por isso?

**Colaborador** - Muitas vezes não e também não é permitido a cobrança. Pessoas que vem de dom de Deus ele não cobra, apenas a pessoa se ele ter aquele coração, se ele deixar alguma gratificação ele pode deixar, mas de coração, não que a gente cobre, porque a espiritualidade, o dom que Deus dá, ele não permite que a gente faça essas coisas.

**Pesquisador** - O senhor atende muitas pessoas regularmente, quantas mais ou menos e quantos retornam para lhe agradecer?

**Colaborador** - Essa também é uma boa pergunta, que todas as pessoas que a gente cuida que quando busca, a pessoa busca a gente pra fazer o tratamento, sempre eles tem voltado, me agradecendo que eles realmente conseguiram a sua cura com sua fé. Por semana calculadamente, cuido dez a quinze pessoas, aí as pessoas retornam, tem um retorno que eu faço para que possam voltar para que eu veja como eles estão, então uma faixa 15 a vinte pessoas por dia!

**Pesquisador** - Na sua família ou parentes, tem mais alguém com essa dádiva!?

**Colaborador** - Sim! Quase toda minha família tem o dom de Deus né! Que deus dá pra ajudar as pessoas, com curas essas coisas, é desde a minha mãe, meu pai e tem também meus irmãos, tem também meus filhos tem uns que filho que tem o dom que deus deu pra eles e eles sempre ajudam as pessoas. Tem bastante, quase a família toda.

**Pesquisador** - O senhor acha que ter uma religião ou acreditar em algo divino, influencia nessa habilidade de cuidar e curar alguém?

**Colaborador** - Sim! Se você busca a espiritualidade, busca pra realmente a fé de Deus né, primeiramente a fé em Deus, em segundo lugar são os cabocos que chamam os índios né essas coisas aí que são de cura essas coisas aí, então tem possibilidade da gente fazer, se você buscar com fé, você vai conseguir sua curar, você vai conseguir mesmo, entendeu!

**Pesquisador** - Quais tipos de trabalhos o senhor faz?

**Colaborador** - Eu tenho vários tipos de trabalho que a gente pode fazer. Eu acredito assim... é!... Porque temos... se chama feitiço, se chama macumba, bruxaria... então, todos esses tipos de trabalhos, que as pessoas fazem contra outras pessoas, então, a gente tem que ver quais são os tipo de trabalho. Porque assim, nós temos uma parte... se você trabalha com a Umbanda, você busca mais a espiritualidade, é catolicismo, você busca mais a Deus, então você tá buscando uma coisa boa, que é a luz, se chama luz né! pra poder você conseguir afastar qualquer espírito maligno de pessoas. Se você trabalha só com o lado esquerdo que se chama candomblé, quimbanda, você não vai ter aquela força de você tirar qualquer tipo de doença maligna de outra pessoa porque você é mau, você não tá trabalhando com espiritualidade de Deus, buscando as orações de Deus. Eles são guardião, são sim, mas se você busca só eles, que a parte da esquerda que como a gente diz, você não tem aquela força de tirar qualquer demônio do corpo de qualquer pessoa e nós, já que trabalhamos com a umbanda, que pertence a igreja católica é o catolicismo, então a gente tem porque a gente busca muito a oração, pra que a gente possa conseguir esse tipo de cura, entendeu! Cura maligna, muitas das vezes você tá com a barriga inchada, você vai ao médico e você não consegue, então você vem buscar uma cura com a gente, então a gente te ensinar alguns remédios caseiros e muitas das vezes a sua fé vai fazer você ficar bom, porque você, o que vale é sempre a fé e a busca espiritual de Deus, mas se você não busca, não adianta você procurar alguém assim, que você não vai ficar bom. Buscar pessoas que trabalham só com a esquerda, como por exemplo o exu, que é exu, exu são... é... como diz é o... tranca rua, o seu capa preta é Lúcifer é uma centena de coisas que se você buscar somente isso, você não vai tratar de uma pessoa pra retirar uma doença que ela tem. Então, não possibilidade. Tem um certo ditado que diz assim ó... “um demônio não expulsa outro demônio”, então busque a espiritualidade de Deus, busque a força católica, porque lá você vai rezar, vai ter o creio. Você crê naquilo que você vai fazer a pessoa vai tá com fé e você vai conseguir a cura para aquela pessoa.

**Pesquisador** - O senhor puxa desmentidura, mãe do corpo essas coisas?

**Colaborador** - Isso! Muito bom! Por isso muitas das vezes, eu já falei aqui ó! Se você busca a espiritualidade da luz, você vai ter um dom, Deus lhe dá um dom, é pra você puxar uma desmentidura, que é pra você é costurar uma carne rendida, que a gente chama rasgado e também aquela mãe do corpo que a pessoa tem, a mulher tem, as vez tá espalhado as vez tá fora do lugar, sente muita ansiedade, e lá também a gente faz remédios caseiros, puxa e faz tudo. Benzer crianças também, com quebranto é muito bom pra você benzer uma criança, a gente faz, buscando a espiritualidade.

**Pesquisador** - como são as pessoas atendidas pelo senhor, são simples, mais favorecidas, o que o senhor pensa com relação a elas lhe procurarem?

**Colaborador** - Bom na minha opinião, no ver de pessoas... quando me procura, não é só pessoas vamos dizer assim... de altas classes, pra mim tem que ser dos humildes até as pessoas que tem uma alta classe de vida, entendeu? Pra mim não tem distinção de pessoas não. Pra mim se vir

é, rico é pobre, humilde, mendigo, ou seja qualquer coisa eu tô atendendo, eu atendo muito bem, com aquele carinho, com aquele amor, porque é assim que a gente trata das pessoas. Atende todo tipo de público aqui.

**Pesquisador** - O senhor tem alguma outra profissão?

**Colaborador** - A profissão que eu exercia antes eu deixei demão, eu era, quando eu tava com meus 18 anos pra 20 vinte, eu era agente de saúde, deixei pra cuidar do que eu queria, que é isso aqui que você tá vendo, então eu é isso, mas de tudo eu entendo um pouco, mas o meu destino mesmo era cuida das pessoas, e eu tô cuidando, só que eu deixei de seguir aquilo que tenho, tenho meus certificados de a gente de saúde, mas tá isolado por causa da minha profissão que eu gosto! Atualmente minha única profissão é aqui! E eu me sinto muito bem.

**Pesquisador** - Na questão dos remédios, como é preparar, de onde vem esse conhecimento?

**Colaborador** - O conhecimento não vem só do dom, mas tem também... é eles... os espíritos de luz que transmitem o tipo de remédio para a cura daquela pessoa, por exemplo, se você tá com mioma e você vai no médico e o médico diz pra você fazer isso e aquilo e muita vez custa, e tem um remédio muito simples, que é, você fazer preparação pra ela, pra jogar essa doença. É só pegar a babosa, tirar o gel dela, o mel de abelha e mistura bem misturado, bate bem e toma, duas vezes por dia que você vai jogar aquela doença que você tá esperando se operar, evita até operação. Outro tipo... rim, se você tá com muita dor no rim, tem um remédio tão simples que eles mostram pra gente, que até tá nas redes social, mas quem mostra são aqueles espíritos de luz que mostra como fazer aquele remédio. Você pega, você vai no médico o médico vai deixar passar muito tempo pra operar, o que vai acontecer?! Então, você pega o caroço do abacate, você vai ralar aquele caroço de abacate, vai por onde vende uma cerveja preto pegue três colheradas e coloque dentro ali, deixe por oito dia fora da geladeira, depois de oito dia você via tomar que com dois ou três dias você vai jogar aquela Pedro do rim, infecção na urina, tudo vai dar certo, entendeu, mas vai depender da fé, né! Tudo tem que ter fé.

**Pesquisador** - durante seus diversos atendimentos já teve momento difíceis que o senhor precisou mentir para as pessoas atendidas, com receio de dizer que o problema era grave e não poderia fazer nada?

**Colaborador** - Na verdade já passei por várias decepções dessas assim né! Inclusive muitas das vezes, eu olho no copo de vidência é... aí, eu veja que aquela pessoa não tem mais possibilidade, mas eu não vou dizer que vai falecer com dois ou três dias, eu vou dá tipo uma esperança pra ele, pra que ele não fique triste, pra que ele não fique mais abatido do que já tá, então eu digo sempre assim... olha! Faça isso que você vai ficar bom. Porque de repente eu chego aqui e olho e vejo a situação como tá e digo... olha você vai morrer amanhã e não tem mais jeito né, aí eu vou matar o rapaz rapidinho, então a pessoa essas coisas tudinho, então eu tenho que dar uma esperança para que ele possa ir indo devagar até a chamada de Deus né! Já passei por essas coisas assim, mas eu não aquela coragem de dizer pra pessoa que ela vai morrer amanhã, mas que eles estão me falando, olha que esse daqui não vai demorar uma semana, mas eu não vou dizer pra ela.

**Pesquisador** - Como o senhor se prepara para atender, exige algum preparo físico ou mental!

**Colaborador** - Sim! A preparação da gente para atender as pessoas, é a gente tem que tá preparado, tem que tá com as vestes preparado, as vestes branca, como a gente é catolicismo é da umbanda, a gente tem que tá de veste de branco, entendeu!? Tem aqui o meu, essa coisa aqui (tipo um colar), é o que a gente coloca aqui pra o início de trabalho, tá entendendo?! e ai a gente vai se preparar porque isso aqui é uma proteção pra que o mau nenhum possa atingir a gente, pra que a gente possa acudir aquela pessoa que procura a gente pra tirar os espíritos malignos, pra tirar aquela doença.

**Pesquisador** – em relação ao psicológico tem que tá sempre....

**Colaborador** - sempre atento, porque é muita, vem pessoas aqui com depressão, ansiedade, entendeu!? Então a gente tem que tá sempre atento, junto com as orações que vai fortalecer a gente e também tem um conhecimento de dar um carinho praquela pessoa, pra que a ansiedade, o sofrimento daquela pessoa alivie!

**Pesquisador** - pode falar um pouco sobre a importância manter viva essa cultura?

**Colaborador** - Eu acredito assim, que as pessoas que tenham o dom, o dom espiritual de Deus. As pessoas que trabalham não devem desistir, devem ajudar as pessoas, não também... porque tem certas pessoas que querem tipo assim é, como posso dizer...!! não acreditar, quando você procura alguém, é porque você quer ajuda, você tem que acreditar na gente, e tem outras pessoas que não querem ajudar, só ajudam por dinheiro, por tipo ganância, então isso aí não é bom porque a própria pessoa que faz o trabalho como eu faço, se tem uma ganância no meio, tem a chamada corrupção dentro da, do , da religião dele que ele exerce, então ele não vai ser feliz, ele não ta agindo da maneira que Deus quer, como eles querem que a gente trabalhe, a gente tem que ter amor naquilo que a gente faz. Então não é bom, não é bom. Só digo pras pessoas que trabalham como eu, que cuide das pessoas sem pedir altos preços entendeu?! Porque a gente também precisa, precisa aquilo que Deus dá, o dom da gente é pra sobrevivência da gente entendeu?! Então, que continuem trabalhando, ajudando as pessoas, é dando o de bom pra que as pessoas se sintam bem e torne voltar la com elas de novo pra contar, poxa eu tava assim e fiquei bom, conta pra outro e outro já vai lá. Então são essas coisas. É isso que posso dizer pras pessoas que trabalham com isso.

## Entrevista 2- Saberes tradicionais de cura- pesquisa em História Oral



**Nome: Deuza dos Santos Viana**  
**Idade: 76 anos**  
**Naturalidade: Rio Curupira- Nova Olinda- AM**  
**Entrevista realizada em: 05/12/2023**

**Colaboradora-** Deuza dos Santos Viana. Eu... tenho 76 anos.

**Pesquisador-** Dona Deuza... como foi sua infância, a senhora é natural de Itacoatiara, nasceu aqui?

**Colaboradora-** Não! Sou natural do rio curupira. Aí, da idade de 16 anos fui pra Manaus trabalhar com minha prima. Aí voltei de novo, ela foi embora pro Rio de Janeiro, aí eu voltei pra casa de novo, voltei pra Nova Olinda de novo, trabalhar, que minha irmã trabalhava lá.

**Pesquisador** - a partir de qual idade a senhora percebeu seu dom?

**Colaboradora-** Da idade de 46 anos. É... comecei né, porque eu tinha aquele dom, mas eu não queria ainda me manifestar, mas depois que eu cheguei pra cá aí eu comecei. O pessoal foram se dando comigo, passando pra outros e daí foi...

**Pesquisador** - Como a senhora pode descrever essa experiência de realizar trabalhos para outras pessoas que buscam a cura?

**Colaboradora-** é... pra... negócio de puxar, benzer, eu rezo pra quebranto, dor de cabeça e puxo barriga, só o que eu faço, parteira não sou porque eu não quis...

**Pesquisador** - como a senhora a senhora identifica esse fazer, esse conhecimento, tem um nome específico pela qual as pessoas possam lhe chamar?

**Colaboradora-** É... eu puxo, rezo, rezo pra quebranto, rezo pra dor de cabeça, ah! E puxo barriga, mãe do corpo, tudo isso eu faço.

**Pesquisador** - A Senhora considera isso um dom, uma benção, ou que aprendeu, ou que foi herdado?

**Colaboradora-** Não... acho que é um dom, que eu nasci já com esse dom, só que eu não queria me entregar... depois que eu comecei a fazer, puxar, ia muita gente comigo lá no beco onde eu morava e aqui também vem muita gente comigo... mandar rezar, mandar puxar, pra quebranto, desmentidura...

**Pesquisador** - Qual sua relação com Deus, qual religião a senhora partilha?

**Colaboradora-** A minha é católica, sou católica desde quando eu nasci.

**Pesquisador** - Como é pra senhora atender tantas pessoas, a senhora cobra por isso?

**Colaboradora-** Não eu não cobro nada, aí é a consciência deles que, quando eles me dão, mas, mas eu não cobro nada.

**Pesquisador -** A senhora tem uma opinião sobre isso, sobre cobrar?

**Colaboradora-** não, porque... alguns me dão... me dão 10, outros 20, 5, 2...

**Pesquisador -** A senhora atende muitas pessoas regularmente, quantas mais ou menos?

**Colaboradora-** Tem... muitas pessoas, vem gente comigo de Jamanã, da Poranga, jacarezinho. Todo esse pessoal vem comigo... um vai passando pra outro aí já vem certo procurar...

**Pesquisador -** Tem um número aproximado de quantas pessoas mais ou menos a senhora atende por semana?

**Colaboradora-** É... uns 30, 20, por aí... tem dias que fica lotado aqui, vão chegando, chega um, chega outro, mais é criança.

**Pesquisador -** na sua família ou seus parentes, tem mais alguém com essa dádiva ou já teve?

**Colaboradora-** Tinha, minha tia, irmã do meu pai era parteira, minha mãe também era parteira, aí, eu tenho mais outra tia que pegava desmentidura essas coisas, elas faziam, mas elas já morreram tudinho.

**Pesquisador -** A senhora acha que ter uma religião ou acreditar em algo divino influencia nessa habilidade de ter conhecimento pra cuidar ou curar alguém, essa questão da fé, é importante.

**Colaboradora-** sim, a pessoa vem com aquela fé e sai, graças a Deus,... muita gente me agradece.

**Entrevistador-** Quais tipos de cura a senhora exerce?

**Colaboradora-** pego desmentidura, rezo pra quebranto, pra dor de cabeça, mãe do corpo, barriga de senhoras que vem aqui comigo eu ajeito tudinho, aí eu já sei que, quando eu boto a mão na barriga da pessoa, eu já sei se é homem ou mulher. Uma vez veio uma que um tempo desse, mandou pegar, bateu ultrassom, ela disse que era mulher né! Aí quando ela chegou aqui, eu disse, mana, teu filho não é mulher é homem. Um dia desse ela veio me agradecer aqui, que o filho era ... eu tenho a mão abençoada e já conheço que é a criança tudinho, na barriga da pessoa.

**Pesquisador -** Quanto a pessoas que são atendidas pela senhora, essas pessoas, são simples ou a senhora percebe que são mais favorecidas?

**Colaboradora-** é, eu percebo que tem pessoas mais favorecidas assim, que venham. Agora tem muitas coitadas, que não tenham nada pra dar, mas eu digo, não, não precisa não. Tem muita gente coitadinho, pobrezinho pra mandar rezar e...-ah! não tenho o que lhe dar e eu digo, -não, não tem problema não, não estou cobrando.

**Pesquisador -** A senhora é aposentada?

**Colaboradora-** Não, não sou aposentada, recebo do meu marido.

**Pesquisador -** Qual era profissão?

**Colaboradora-** Eu trabalhava na casa de família logo que cheguei em Itacoatiara, e só isso mesmo, nunca tive emprego assim não.

**Pesquisador –** A senhora trabalha com remédios também, faz chás?

**Colaboradora-** Eu trabalho, faço banho, xarope, tudo eu faço. Tem gente que me encomenda xarope, essas tosses que tão dando né, vem gente que encomenda, eu faço e levam, mas eu não cobro nada não.

**Pesquisador -** A senhora pode citar alguns xaropes e pra quê, como é feito?

**Colaboradora-** pra tosse é, casca de manga, mangarataia, casca de... um bocado de mistura que eu faço sabe! Jucá, hortelã grande, tudo isso eu misturo e faço xarope e as pessoas se dão muito bem com xaropes que eu faço. Negócio de banho, meus netos encomendam pra mim, eu fiz encomenda de um banho hoje do meu neto, do pai do Galiano. Fazer um banho pra ele, que se sente mau assim e eu faço o banho pra ele, ele toma e pronto.

**Pesquisador -** Os banhos servem para que exatamente?

**Colaboradora-** pra fazer limpeza, essas pessoas que estão cheias de mau olhado, aí eu coloco as folhas de mucura caá, cipó-alho, folha de vind-cá, essas misturadas que faço.

**Pesquisador -** durante seus diversos atendimentos, já teve momentos que a senhora foi atender um pessoa e viu que aquela pessoa tinha um problema que a senhora não podia resolver e teve que omitir alguma coisa, já teve alguma experiência do tipo

**Colaboradora-** não, nunca passei por isso.

**Pesquisador -** A senhora levava seus filhos em concertadores ou benzedores?

**Colaboradora-** uhum! Eu levava meus filhos quando estavam doentes, aí tudo essas que levava pra pegar desmentidura, morreram, não tem mais um, morreram tudinho.

### Entrevista 3- Saberes Tradicionais de cura- Pesquisa em História Oral.



**Nome: Ivo Barbosa do Rosário**  
**Idade: 64 anos.**  
**Naturalidade: Silves-Am.**  
**Residência atual: Itacoatiara- Am.**  
**Entrevista realizada em: 05/07/2024**

**Pesquisador-** Esse é o Programa de apoio a Iniciação Científica PAIC, sou acadêmico de Licenciatura em História pela Universidade do Estado do Amazonas UEA. Este projeto é patrocinado pela FAPEAM, Fundação de Ampara a Pesquisa no Estado do Amazonas, o nome desse projeto é o Ensino de História por meio dos Patrimônios Culturais Imateriais de Itacoatiara, estamos tratando a questão patrimonial e cultural da nossa cidade, aquilo que nos representa como parte da sociedade, neste caso dentro dos saberes tradicionais: puxadores de desmentidura, benzedores e curandeiros. Junto a nosso colaborador, vamos começar a entrevista.

**Pesquisador-** Como o senhor se chama e quantos anos tem?

**Colaborador** -Meu nome é Ivo Barbosa do Rosário, tenho 64 anos. Aí eu comecei essa minha carreira, foi Deus que me deu o Dom, eu comecei a benzer com 8 ano, quebranto. Aí... de lá, aí a minha carreira não parou mais. Hoje, eu sou uma pessoa muito querida aqui dentro, graças a Deus, pra Deus né, muito querida aqui em Itacoatiara e todo mundo me conhece, o que eu posso fazer pra eles, pro rico pro pobre, pra pessoa humilde, se for do meu alcance, eu ajudo eles, de bom coração eu não cobro eles, se eles quiserem dar eles dão, o que não quiserem não dão e não tem preço, não tem hora pra mim atender eles, é dia e noite. Tudo que me procura, eu sou uma pessoa bem vindo é bem vindo, chego aqui comigo eu atendo eles de bom coração, amizade e tudo me conhece, sou uma pessoa muito querida em Itacoatiara e nós semo aqui tudo conhecido, que nossa cidade não é uma cidade popular aqui, graças a Deus, todo anda aqui e não demora vai se encontrando. Eu atendo em casa atendo na rua, atendo em futebol na minha brincadeira, que eu gosto de bola, vão me tirando, vão me levando, eu vou atender os filho, velho, novo e tudo e eu sou uma bença pra eles, sou uma bença de Deus né, que esse trabalho que Deus deu não é pra mim, é pra eles, então, eu sou uma pessoa muito querida aqui em Itacoatiara, nesse meu ramo aqui. E tenho essa idade e desde novinho, desde rapaz, jove e hoje eu tô nessa idade, mas eu nunca neguei ninguém pra ir lá na casa deles e aqui na minha residência aqui, não tem hora, quem bater aqui eu tô prontinho pra atender eles e é tão bom, quem faz o benefício e eu gosto do trabalho que ele me deu. Eu vim de Dom que era meu pai, meu pai tinha o Dom, eu nasci de dom do meu pai, aí eu fiquei no dom dele e até hoje, tô trabalhando, não sei, até no dia que Deus quiser.

**Pesquisador** - O senhor pode contar um pouquinho como foi sua infância, o senhor nasceu em Itacoatiara?

**Colaborador** - Não! Eu sou filho de Silves, nasci e me criei lá, quando começou minha carreira eu comecei em Silves, mas, eu vim embora pra Itacoatiara, cheguei novo, cheguei aqui com 30

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITACOATIARA CESIT  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

anos em Itacoatiara, aí eu comecei aqui a minha carreira, eu não parei, o pessoal me conheciam mesmo, quando começaram me procurar de Silves pra cá, me descobriram, aí emendou Silves e Itacoatiara e vem de todo lado, de Manaus, de tudo quanto é coisa, dos interior, tudo, tudo me procuram, aí eu tenho que fazer o meu trabalho. Vem doutor aqui de São Paulo, de Curitiba, daí dessas outras cidades, até vem aqui do Japão, tudo vem chega gente aqui atrás de mim e eu tenho que fazer esses trabalhos, não posso negar pra eles, vem de Santarém, tudo... não tenho... sou um cara como tô falando, eu sou uma pessoa que botei meu trabalho mesmo pra funcionar, e eu sou profissional mermo, que eu puder ajudar ele, ele vai sair bom, agora o que eu não puder, mando ele procurar outro recurso, que não dá pra mim coisar, mas o que eu puder, eu faço ele bom e ele vai viver e vali a bebesada, a bebesada aqui em Itacoatiara é tudo passado pela minha mão, é quebranto, rasgadura no umbigo, é desmentidura, é espanto, é direto, não para. O futebol também é direto aqui em casa comigo é dia e noite o esporte daqui de Itacoatiara, que é desmentido joelho, é desmentido tornozelo, é costela, é tudo, distensão rasgadura, tudo tem que tratar desses profissional daqui de Itacoatiara se não voltam pro lazer deles e é dia e noite, aqui a hora que eu me acordo, não tem hora, tem vezes que tô na minha cama dormindo, carro apita, moto apita, aí eu venho, é um que tá chorando, que tá gritando. É mãe do corpo, endireitar filho de mulher e tudo que puder fazer eu tenho que dar um empurrãozinho pra essas pessoas irem satisfeito. Aqui chega desmaiado, caindo morrendo, aí tem que fazer andar pra ir bom já, criança que chegar as vezes aqui que não se mexe, outro pega uma queda, vem desmaiado, faço viver e segue e volta n'outro dia já tá bom, a minha vida é essa aqui e trabalho muito, muito mermo e não tenho férias, não tenho folga é de domingo a domingo, não tenho meu lazer, como tô te falando, no meu lazer eu tô atendendo.

**Pesquisador** - Com quantos anos o senhor percebeu esse dom e começou a fazer os trabalhos?

**Colaborador** - Esse dom, eu descobri.... eu tava estudando, lá no... Município de Silves mesmo, lá no Môra, na baixa funda mesmo, eu tava estudando, aí nós saímos pra merenda, nós era tudo novinho mesmo né! Aí caiu uma menina, minha carreira foi essa menina aí, caiu deu com o queixo bem assim no degrau, Pá! Aí ela desbocou, veio pra cá o queixo dela, aí foi aquele grito, era filha até do Seco, lá da baixa funda.

Há...? Aquele grito daquela criança aquela cunhatã, pra onde nós vamos levar? Aí veio uma mulher que sabia pegar, mas ela não botou a desmentidura, a desmentidura era pra mim, aí um negócio fez assim, - vai que é tua! Eu tinha 8 anos, aí ela pegou e amarraram e - eu disse amarra o coiso aqui pra mim botar desmentidura dela – aí mas como esse curumim botar, a mãe lá - aí eu disse vou botar, ele é encaixado, encaixadinho com esse osso nosso aqui, quando eu peguei aquilo a modo que eu peguei uma mão assim óh pra você ver, chega roncou tá, foi minha primeira desmentidura essa daí eu tinha 8 anos, desbocada mesmo a gente desbocado é feio mesmo. E outra coisa eu - Aí eu fiz um parto eu tinha 12 anos, pra ti ver só como é as coisas como foi minha carreira, essa de coisa e um parto de 2 crianças, aí as parteiras não coisaram pra nascer as crianças, eu tava jogando bola, aí o marido dessa mulher foi lá comigo, quando ela desmaio né, quando ela veio chamando o meu nome essa senhora – vai, vai buscar o Ivo, que o Ivo vai me escapar, ai ele pegou foi me buscar, eu com 12 anos, ai eu fiz o parto, quando eu cheguei lá, tava um de cabeça pra cima e um de cabeça pra baixo aí o que ia nascer de cabeça pra cima era o homem era um casal num era a menina, aí eu peguei as mulherada 5 mulheres pra virar ela de cabeça pra baixo né pra mim virar, ai eu virei o curumim e quando eu endireitei aí eu disse agora arreia ela, ai eu ajeitei e nasceu o curumim e veio com as duas placentas do umbigo um emendado no outro, que aí não podia cortar que se cortasse podia matar a menina pra você ver, aí eu enrolei aqui no meu braço, ai eu cortei pra poder fazer o parto da menina, aí eu fiz o parto da menina, ai ela pegou e me deu, ontonte tavam falando nela aqui, minha comadre

morreu o rapaz me falou lá do Bacabaí do município de Silves, - Ivo tua comadre morreu – eu disse mas qual delas? - Aquela que tu fez o parto, aí ela mandou pra mim escolher, - escolhe um desses pra ser teu afilhado – aí eu peguei e escolhi a menina, aí o padre era o Bispo Dom Jorge, eu era curumim, ai mas não pode fazer que é de menor, aí ela disse – não esse aqui ele que me escapou e a minha filha eu dei pra ele, se não quiser batizar eu vou deixar ele inteirar a idade dele e vou batizar, aí o padre batizou o Dom Jorge, pra ti ver duas coisas difícil na minha vida, um queixo deslocado e dois gêmeos, os meus filhos quem partejou foi eu, os três, aqui mesmo em Itacoatiara eu já partejei três ali eu fui endireitar o filho lá, endireitar né! Que tava torto, que quando eu sacudi eu já foi pegando já nas perna, nasceu! Uma lá na prainha, no Jauary e uma lá perto do hospital.

**Pesquisador** - Como o senhor se identifica nesse fazer, o senhor tem um nome?

**Colaborador** -Aí né! Deus me deu o dom né! Do curador, benzedor, do massagista, aí tem isso aí. Mas eu me, eu coiso mais, porque eu tenho..., como tu tá fazendo, aí eu fiz uma coisa aqui, eu tenho meu coisa né de Itacoatiara, sabe! Do certificado pra massagista, sabe! É que fizeram a coisa de Itacoatiara né!? O aniversário de Itacoatiara e escolheram, aí fizeram aqui em Itacoatiara aquelas pessoas mais queridas para pegar o... aí foi eu primeiro, o Paulo Roger, uma que morreu né, que as pessoas que atende melhor, como assim que tu falou né!? Que não tem hora, uma pessoa boa. Aí veio meu certificado, eu ganhei de Itacoatiara, de melhor, é isso aí. Porque meu mais coisa mesmo é massagista né?! Mas é duas coisa, e pra benzer também, aqui quebranto não dá tempo, é 6 horas... é porque tu não, é porque eu vou embora, mas se tu quisesse acompanhar uma fila assim comigo, eu ia fazer,.. ai tu ia ver camarada, tinha que ter paciência, como vieram quatro de Manaus fazer isso, por isso perguntei pra ti né! Que era uma doutora né, que tava se formando e três enfermeira sabe! Que vieram pra coisar isso aqui, como era... e você não, você é na cultura no coisa ne?!

**Pesquisador** - Seu Ivo, como é sua relação com Deus, qual religião o senhor partilha?

**Colaborador** - Rapaz, eu sou católico... e eu vou morrer nela!... Porque escuta só, eu nunca bebi, numa fumei, nunca fiquei porre, porque tem muita vez que muda, por causa o.. a religião né! –Não tá perdido e isso aquilo. Eu nunca... quando Deus me deu, eu já vim,... é... dois vícios que eu tenho, bola e mulher, dois vícios só. Então, eu não entro ixi! Já vieram aqui pastor, eu brinco com pastor, mas não... mas eu vou morrer católico, se Deus quiser!

**Pesquisador** -Como é seu atendimento com as pessoas, o senhor por isso?

**Colaborador** - Não, não cobro, nunca cobre 1 centavo, nunca, nunca, nunca! É como tô te falando, quem quiser dar dá, mas dar de bom coração, mas acontece cada coisa aqui, o povo ele é muito complicado, só Jesus que sabe a vida do povo, só Jesus! Aí tu vai escutar aqui que vou te contar. Eu atendia aqui, aí tá aqui meu bolso, bem aqui ó, eu atendia, aí... –seu Ivo, eu botar aqui seu dinheiro no bolso. – Pode botar aí! Pra você ver, eu fazendo uma coisa de coração, o cara tá morrendo, o filho tá desmaiado, a pessoa ta passando muito mau! Aí tu sabe o que acontece?! Como tu falou, eu não cobro 1 centavo de ninguém, mas olha, tem vez que vou coisar, aí pedaço de papel no meu bolso, aí 1, 2, 3, 4, 5, pra ti ver só, como é a natureza da pessoa, é como diz, a gente vê a cara e não vê o coração pô! Se eu tivesse cobrando, -não eu vou cobrar...! aí – quanto é? –não, nada não! Tá na sua mão, se você quiser dá, se não quiser você não dá! Mas não adianta pô, fazer isso, meter papel, pra quê pô?! Então, eu tô ajudando eles, eu tô ajudando eles! Não adianta fazer isso! Chega com dor, chega chorando, gritando,

não andar, - não meu filho não andou, meu filho tomou uma vacina não andou, aaaí meu caiu descolocou o braço, meu filho teve um acidente de moto não anda, eu quero que você me ajude, aí eu vou lá, faço de bom amor, não demora muito tá andando. Mas tem gente que faz isso rapaz!

**Pesquisador** - Quantas pessoas o senhor atende por dia?

**Colaborador** - Ixi! Pra mais de 50 por dia! Aqui ó, quando eu me acordo já tem gente aqui ó, de manhã! Aqui é o que o dia dá, não para, de seis hora, faz uma fila muito grande, eu vou até 11 horas da noite, até meia noite. Eu tô dizendo que vou pra li ó, dou uma descansada na minha mão né lá pro, assistir um jogo de bola, jogar uma bola, quando eu dou... -o seu Ivo tá lá! E para carro para moto, faz fila!

**Pesquisador** - Dentre essas pessoas que o senhor atende, elas voltam para lhe agradecer?

**Colaborador** - Tem vez que elas dizem assim ó! – Seu Ivo, hoje não tenho nada, mas quando eu tiver, venho trazer pro senhor aqui! Aí elas venham agradece, e... –Seu Ivo, vou lá no interior e quando eu voltar trago uma fruta pro senhor e venham. A minha clientela são pessoas boas, humildes, aqui ninguém chega gritando e tudo espera sua vez. Eu gosto, tem jovens que dão sua vez pra uma criança, um idoso, eles são muito bom, eu gosto deles. Eu amo Itacoatiara eu, eu amo ela, mas não sou nem daqui, sou filho de Silves, mas tenho 31 anos morando aqui em Itacoatiara, nesse ramo, todo mundo gosta de mim e não tenho nenhum inimigo.

**Pesquisador** - Na sua família tem alguém mais com esse Dom?

**Colaborador** - Na minha família saiu dois, nós era 12 irmãos, saiu eu e uma irmã minha que mora em Silves, a Cleunice, ela é parteira, ela é... reza, assim mesmo, só nós dois, o dom dela era pra ser pra mim, não era pra ser pra ela, porque ela pega na oração rapaz! Uma viagem, descolocou, eu trabalhava na Getal, o skidder arrancou esse meu braço, puxou a madeira aí arrancou que ficou pendurado, me jogou lá de cima da balsa, com 5 tora, quando eu botei o coisa, aí ele puxou, eu não tirei minha mão, aí desmaiei, fui pro hospital, iam me levar pra Manaus, aí o doutor tirou o raio x, aí eu olhei o raio x né, que eu conheço, aí eu disse não, mas não quebrou não, só fez arrancar está descolado, ela morava no mutirão, ela foi lá e colocou na reza pra mim, essa minha irmã! Por isso eu digo pra ela, era pra ser pra mim, não pra ela! É só nós dois mesmo, não tem outro! Meus netos, meus filhos, não sei se algum bisneto vai puxar, por que isso é um dom mesmo né!

**Pesquisador** - O senhor acha que ter uma religião, ou acreditar em algo divino, influência nessa habilidade de ter conhecimento para cuidar e curar alguém?

**Colaborador** - Tem duas parte né!? A minha que faz o bem e a outra parte que faz o mau, aí tem duas que tem. Aqui ó, tem gente que chega pra matar, fazer isso, aquilo... aí eu não trabalho nesse ramo né?! Mas, eu sei gente que trabalha nesse ramo, aí eu digo rapaz, vai lá, procura o coiso, aí vai prá lá, que eu não... Deus me deu pra eu ajudar o povo! A minha religião é de Deus mesmo, eu faço o bem e não o mau.

**Pesquisador** - O senhor prepara remédios, banhos essas coisas?

**Colaborador** - Não, eu não gosto muito, mas eu sei fazer. Eu já sou perseguido com meu povão né?! E chegar fazer uma garrafada pra outro, pra inflamação né?! É uma medicina né?! Mas, não tenho tempo.


**Pesquisador** - Durante seus atendimentos já teve momentos difíceis que o senhor precisou mentir ou omitir pra pessoa que está ali, com receio de dizer que o problema era grave e que podia dar jeito?

**Colaborador** - Eu já passei, passei por uma situação difícil, a mãe conheceu na minha cabeça, ela trouxe uma criança, era um menino, tava com 1 ano o menino dela, quando eu benzi, com a reza, aí deu errado minha reza, aí eu podia não ter balançado minha cabeça, aí eu dei outra rezada, a mesma coisa, aí ela virou pra mim, uma coisa difícil, ela me conheceu e disse, seu Ivo, o senhor desenganou meu filho, aí eu disse o quê?! O senhor desenganou meu filho. Aí, porque o senhor balançou a cabeça. Aí eu fui pontual com ela, eu disse escuta, ele vai morrer, 9 horas ele tá falecendo. É difícil as coisas, é difícil! Uma mãe vem pedir uma ajuda, pedir uma força eu tive que desvanecer ele aqui, ele apanhou uma doença de criança, que tem doença de criança, a pior doença, como eu digo pras mães, eu digo pra elas, vocês fazem tudo, tudo, não vão deixar a criança de vocês pegar uma doença na nuca, que quando eu acabei de rezar, a doença foi pretejando ele tudinho, só deu tempo de chegar na casa dela e morreu. E ficou uma coisa comigo que até hoje, muito difícil, por que eu não pude recoperar aquela criança! Ele faleceu, eu fui no velório, ela me agradeceu. Outra viagem foi um rapaz alí na cultura, aconteceu isso lá também, ele me procurou lá, até hoje o Mariniu se lembra disso. Ele disse, rapaz, não dá pra ir lá em casa não?! E eu fui dar uma rezada nele lá. –não senhor, eu tô passando muito mau. Aí eu dei uma rezada e disse. – Pô rapaz, 9 horas tu tá indo embora... Aí o porra do Mariniu tava bem assim ó! Aí desenganei o cara lá e o Mariniu disse assim, -Eu quero ver. 9 horas o cara morreu, quando deu 6 horas o Mariniu veio me buscar aqui e disse –Bruto! Assim que eles me tratam, - Bruto, bora ver o rapaz que tu desenganou, ele morreu mesmo. Aí ele perguntou pra mim, - como tu? – não rapaz, as veias dele estavam tudo entupidas, do coração do cara. Então é muito difícil, a gente que coisa nesse ramo, só Jesus mesmo! Aí de escapar pessoas que estão morrendo. Eu já escapei muita criança, muita, muita, mesmo...! Mãe e pai caído, chorando, chega lá e pede pra Jesus né, que ele que é o poderoso, e ai eles retornam, e tem muita gente que diz quando faço isso... É Deus no céu e eu pra ele. Igualmente o cara aleijado que tá na cadeira de rodas e eu fazer ele andar, isso eu fiz muito aqui na cidade, mas muito mesmo, de quebrar perna, descolocar, não andar mais, não demora muito o homem já tá bem. Só Jesus que pode dar essa força.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITACOATIARA CESIT  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

8.2 Cartas de Cessão

Carta 1- Adervan Santarém



**CARTA DE CESSÃO**

Itacoatiara, 04 de 12 de 2023

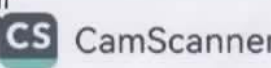
Destinatário,

Eu, Adervan dos Anjos Santarém, portador do RG nº 0923316-4, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 05/12/24 para Dequistem Cortez Macedo usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de sessão, subscrevo a presente.

Adervan dos Anjos Santarém  
Assinatura do Depoente



---

Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara - CESIT  
Av. Mario Andreazza - Bairro São Cristóvão, 2260  
CEP: 69100-000, Itacoatiara /AM  
www.uea.edu.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITACOATIARA CESIT  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

**Carta 2- Delza Viana**

**CARTA DE CESSÃO**

Itacoatiara, 05 de 12 de 2023

Destinatário,


Eu, Delza dos Santos Viana, portador do RG nº 0816216-6, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 05/12/2023 para Luiziston Cortez Macede usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo a presente.

UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DO  
AMAZONAS

Delza dos Santos Viana  
Assinatura do Depoente

---

Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara - CESIT  
Av. Mario Andreazza - Bairro São Cristóvão, 2260  
CEP: 69100-000, Itacoatiara /AM  
www.uea.edu.br

 CamScanner

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITACOATIARA CESIT  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Carta 3- Ivo do Rosário



**CARTA DE CESSÃO**

Itacoatiara, 05 de 07 de 2014

Destinatário,

Eu, Ivo do Rosário, portador do RG nº 07 89975-7, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 05 de julho para Registern Certy Macedo usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo a presente.

Ivo do Rosário  
Assinatura do Depoente

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

---

Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara - CESIT  
Av. Mario Andreazza - Bairro São Cristóvão, 2260  
CEP: 69100-000, Itacoatiara /AM  
www.uea.edu.br

 CamScanner

### 8.3 Imagens

Imagem 1  
Entrevista/Adervan Santarém



Imagem 2  
Entrevista/Adervan Santarém



Imagem 3  
Delza Viana



Imagem 4  
Benzição/Delza



Imagem 5  
Conversa com a paciente



Imagem 6  
Ivo do Rosário



Imagem 7  
Entrevista/Ivo do Rosário



Imagem 8  
Ivo do Rosário/reza para quebranto

